

## MOVIMENTO LGBTI+ NO VALE DO JEQUITINHONHA: QUANDO UNIVERSIDADE, ARTE DRAG E ARTE POPULAR SE ENCONTRAM

### **Jean Paulo Silva Gabriel**

*Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais da  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
jeanpsgabriel@gmail.com;*

### **Josélia Barroso Queiroz Lima**

*Orientadora. Professora da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades,  
da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM,  
joseliabqlima@gmail.com.*

### **Resumo**

O movimento LGBTI+ no Vale do Jequitinhonha se dá junto à existência do grupo de drag queens “As Bleyblayds” que “nascem” dentro do FESTIVALE, um importante festival de arte popular da região. Analisando a trajetória desse movimento social pelas pautas da diversidade sexual percebe-se a importância que a Universidade Pública exerceu e exerce nessas dinâmicas. através do projeto Polo Jequitinhonha da Universidade Federal de Minas Gerais as drags do grupo conseguiram ferramentas para perceber a sua influência na região e assim se articular em torno de pautas políticas concretas, conseguindo eleger figuras representativas, aprovar leis e aumentar sua inserção na região. E depois com a criação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri diversos sujeitos do Jequitinhonha passam a acessar políticas públicas, possibilitando que a trajetória desse movimento fosse analisada e narrada, se tornando produto científico e trazendo para a academia as fissuras que são abertas quando essas relações acontecem em uma região marcada pelos ativismos, pela presença dos movimentos sociais

e pelo esquecimento do estado. O texto é fruto das pesquisas de conclusão de curso do autor, que estudou e escreveu pela primeira vez sobre o movimento LGBTI+ na região, descobrindo o pioneirismo do grupo drag mencionado e do projeto de mestrado, ainda em execução. Dá-se através de análise documental e entrevista em um esforço interdisciplinar que se beneficia das contribuições marxistas, feministas e queer, pretendendo contribuir com os estudos das áreas de gênero, ativismos, ruralidade e movimentos sociais.

**Palavras-chave:** Movimento LGBT, Drag Queen, Vale do Jequitinhonha, Universidade Pública

## Introdução

Este texto é fruto da pesquisa empenhada durante o Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri do autor. Para tal, utiliza resultados da pesquisa: “Arrasou Blayblayd’s”: trajetórias, visibilidades e resistências drag no(s) Vale(s) do Jequitinhonha, registrada e aprovada no Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Durante o 34º FESTIVALE, vivido no ano de 2017, na cidade de Felício dos Santos, em Minas Gerais, um grupo se destacou entre a programação, quer fosse pelas conquistas políticas mencionadas com orgulho ao longo das mesas do evento, em prol de maior cidadania para a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outras múltiplas vivências possíveis da experiência da sexualidade, a qual corresponde a sigla LGBTI+, na região, quer fosse pela performance que punham em movimento durante a noite. Saltos, perucas, maquiagens, enchimentos, cílios pos-tiços e gritos, cada vez mais volumosos: “Arrasou, Blayblayd’s!”.

No contato com a apresentação do grupo, um duplo estranhamento foi possibilitado, pois, (1) eram drags em um festival de arte popular, com notável espaço e reconhecimento, (2) porém drags no interior da cultura gay, onde se encontra o autor, sempre emergem como figuras urbanas, estando, quase em totalidade, ligadas às histórias dos clubs e boates. O que gerou a pergunta que mobiliza nossas investigações: como se configura, então, o movimento drag no interior desse festival, em face ao próprio festival, e frente às conquistas políticas ligadas ao grupo e expressa na narrativa de seus membros?

Assim surgiu a curiosidade e admiração que mais tarde se materializaram na pesquisa, e conseqüentemente neste trabalho. Tal grupo, festival, e investigação se inserem na região do Vale do Jequitinhonha, e não há outro ponto de partida possível aqui senão traçar um breve histórico do lugar e os conflitos que o atravessam, que de uma maneira ou outra relacionam se diretamente com o fenômeno do grupo investigado e suas vivências.

Eduardo Galeano (2009), ao versar sobre a América Latina, no posfácio d’As Veias Abertas da América Latina aponta que “o

subdesenvolvimento não é uma etapa do desenvolvimento. É sua consequência. O subdesenvolvimento da América Latina provém do desenvolvimento alheio” (p.364).

O Vale do Jequitinhonha se localiza na região nordeste de Minas Gerais, com 80 municípios, onde vivem cerca de um milhão de pessoas. Normalmente é “dividido” em três outras partes, o alto Jequitinhonha, médio Jequitinhonha e baixo Jequitinhonha. O nome é relacionado ao Rio Jequitinhonha, que atravessa o perímetro. A colonização da região teria se dado no conflito entre colonizador, e os grupos que já ocupavam a terra, como os povos Maxakali, Aranã, e outros. Postos em contato com os escravos trazidos para exploração da terra. Alguns estudos privilegiam a arte como traço identitário do Vale, dado esse intercâmbio cultural protagonizado na região (SOARES, 1997; JUNIOR, 2012). Os processos vivenciados seguem em curso no século XIX e se agudizam no século XX, havendo resistências e contraposições, como a atuação dos movimentos sociais, que estando em contato mais direto com as pessoas conseguem articular possibilidades diante das necessidades dos grupos, comunidades, classes. Gohn (1997) pontua que, a ação coletiva e atuação dos movimentos sociais se dão por demandas na medida em que há necessidades, carências de algo, no âmbito social, político, cultural, e econômico, “as carências podem ser de bens materiais simbólicos” (p. 256). As lutas por questões identitárias, por exemplo, situam-se no plano do simbólico. A autora postula ainda que, “[o] triunfo maior dessas lutas, geralmente, é a obtenção de leis que demarquem ou redefinam relações sociais existentes” (p. 256).

Assim, situamos o grupo Blayblayd’s como um movimento social que luta por bens materiais simbólicos no contexto sociocultural do Vale do Jequitinhonha, predominantemente rural, cuja população atua nos setores primários de trabalho. A partir da ótica dos indicadores socioeconômicos, a narrativa sobre a região é ainda caracterizada por evidenciar a pobreza, levando em consideração a disparidade entre os números postos em comparação com outras regiões do estado, construindo o estigma de “Vale da pobreza”, que carece de desenvolvimento.

A lógica do desenvolvimento opera diretamente nas dinâmicas que constituem a região, simbólica e culturalmente, resultando em medidas que afetam a vida dos moradores daqui. O Vale do Jequitinhonha é marcado pelos processos históricos que o

atravessaram, sobretudo por essa lógica. Santos (2016) aponta que as medidas econômicas aplicadas na região fazem uso de “uma justificativa para “desenvolver” o Vale da “pobreza”.”(p. 17). A aplicação de macropolíticas, sobretudo no âmbito econômico, nem sempre ecoa nas vidas que se constroem por aqui, a autora ainda pontua que “no entanto, a referida visão se revela contrária a partir de dados empíricos, onde nem todos os moradores do Vale do Jequitinhonha compartilham da mesma visão dominante de desenvolvimento” e defende que muitas vezes os habitantes “não querem mudanças nos seus modos de vida por projetos de desenvolvimento” (p. 17).

Neste sentido tomamos o FESTIVALE como um espaço que desde os primórdios de sua institucionalização acaba por representar uma subversão a estas normas, se dá enquanto um espaço para refletir sobre as dinâmicas da cultura popular, sua preservação, bem como forjar arranjos e ações de teor político, em âmbitos culturais, artísticos, ambientais. (HENRIQUES e SÃO PEDRO, 2004; JUNIOR, 2012).

O FESTIVALE objetiva divulgar, disseminar, promover e fomentar a cultura do e no Vale do Jequitinhonha. Nascido nos anos 1980, através de filhos do Vale que estudavam na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sediada em Belo Horizonte (MG), foi pensado e promovido anualmente no Vale como estratégia de luta política. Nele, tem-se a percepção da desigualdade histórica que imprimiu ao Vale a situação de pobreza, e um instrumento de manutenção do clientelismo e do coronelismo político que permitia aos políticos conservadores leiloar o Vale do Jequitinhonha e garantir a manutenção de seus “currais” eleitorais. Se não era pela via das armas que a luta seria possível, seria pela via da educação e cultura que os filhos do Vale deveriam fazer a transformação social ante a violência do Estado e do mercado. Se o Estado e o capitalismo operam com genocídio, tortura, silenciamento, assassinato, sumiço, exploração, a busca pela mudança aqui se dá por outra via: em favor da vida, da alegria e da arte. Se o processo contínuo de acumulação primitiva mata e expulsa, o espaço apropriado pelo festival busca ir na contra-mão. (GABRIEL, 2020)

## Metodologia

A pesquisa se insere no âmbito qualitativo, como sugere Chizzotti (2003), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes...” (p. 221), desse modo, cabe ao pesquisador buscar, via análise e interpretação, a construção de leituras sobre os processos que fundamentam determinadas concepções. Para Triviños (1987) “a pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas [...]. As informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de nova busca de dados” (p. 131). A pesquisa qualitativa, ao priorizar a interação pesquisador e sujeitos, pressupõe que a produção de conhecimento requer múltiplos e diferentes recursos metodológicos, que, no entanto, não esgotam a complexidade do estudado, motivo pelo qual numa pesquisa qualitativa, os aspectos quantitativos também podem ser considerados (BARDIN, 1977; DEMO, 1998). Além do levantamento bibliográfico referente às temáticas abordadas, fizemos uso de material cedido pelo grupo, que rememora sua trajetória e entrevista semiestruturada por videoconferência. A análise dos dados foi feita através do método de análise de conteúdo.

## Resultados e discussão

Jaqueline de Jesus (2012), defende que drag queen é aquele “(...) artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual” (2012, p.10). Em linhas gerais a arte de se vestir (ou montar) em drag versa exatamente sobre isso: uma arte. Manifestação artística que, embora difundida dentro da cultura voltada para o público LGBTQIA+, especialmente a cultura gay, não necessariamente está vinculada a orientação sexual, ou identificação de gênero do sujeito. No nosso país as primeiras manifestações já apareciam em meados dos anos 70, mas é nos anos 90 que se aglutinam, e se inserem em âmbito político, na construção de Paradas do Orgulho Homossexual, campanhas políticas, e ganham maior visibilidade. (TREVISAN, 2000. CHIDIAC e OUTRAMARI, 2004). Ressalta-se

que esse movimento artístico tem sua origem em espaços predominantemente urbano.

Os estudos de gênero contribuem significativamente para abordar a temática. Scott (2009) traz que as construções de gênero constituem formas hierárquicas de exercício do poder, sendo atribuído diferentes significados a depender do contexto em que estão inseridas. Butler (2003), nas contribuições para a teoria queer também traz importantes elementos para suscitar nossa análise, onde gênero, surge para a autora, em relação a uma identidade só passível de entendimento dada sua instabilidade, já que se constitui a partir da repetição de atos e normas, estando ligadas a uma temporalidade fugaz.

Louro (2009) sintetiza que,

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (p. 90)

A arte drag queen alia em si elementos tidos como masculinos e femininos na sociedade e se montam “em drag” física e psicologicamente, colocando em xeque os papéis de gênero concebidos na lógica heteronormativa. Estes papéis operam no nível do simbólico e no âmbito da vida dos sujeitos, ocasionando consequências diretas na qualidade e possibilidade de vida das populações não-heteronormativa.

Recentemente, o Brasil ganhou as manchetes mundiais após o Deputado, eleito no último pleito (2018), Jean Wyllys, assumidamente homossexual, comunicar sua desistência em assumir o cargo e sua partida do país, em função de ameaças de morte e violência que vinha recebendo com frequência, escancarando para o mundo a intolerância que o Brasil armazena em seu armário. Intolerância silenciada pela moralidade cristã e cordial, marcas de nossa memória patriarcal e colonial. O deputado travava uma disputa ferrenha pelos direitos das pessoas LGBTQIA+ frente ao avanço notável da bancada conservadora no Congresso Nacional. Seu nome diversas vezes foi associado a polêmicas e fake news que estiveram no centro das narrativas da

disputa eleitoral do último período. Escolhemos Wyllys para iniciar este tópico haja vista que ele representava a única imagem assumidamente gay a ocupar um cargo no governo nacional, já que no Brasil corpos não heterossexuais costumam ocupar outros espaços, como o noticiário da TV, os boletins de ocorrência, os laudos do IML, e outros, tendo em vista se tratar do país que mais assassina pessoas LGBTQIA+ no mundo, de acordo com os dados anualmente coletados pelo Grupo Gay da Bahia, que apontam ter havido cerca de 158 mortes em 2004, ano de importante significado para o grupo, como será abordado em breve, e tendo aumentado para 445 mortes em 2017, ano referente ao último relatório divulgado pelo GGB.

Tendo em vista que a lógica na qual se fundamentam os direitos no Brasil obedece a norma binária heteronormativa, muitos direitos da população LGBTQIA+ não estão consolidados. Não há uma lei que vigore sobre a homo transfobia combatendo-a, ou punindo os crimes que tenham este cunho, por exemplo. E os reconhecimentos legais, como a união civil, acabam por não contemplar diversos setores da sigla, que se esforçam para serem reconhecidos enquanto dignos de questões básicas, como acesso ao nome social, uso não constrangedor do banheiro, no caso de Travestis e pessoas transsexuais, acesso às possibilidades afetivas, que chamam a atenção grupos de negros, gays afeminados, gordos, e outros, que no interior da comunidade ainda veem estruturas de opressão serem mantidas.

Deste modo historicamente coube a população levar a cabo o debate e a construção dessas conquistas, e o enfrentamento para ocupar lugares que lhes são negados. É pois, no debate e no enfrentamento do silenciado e do negado que se situa a existência do grupo Blayblayd's, no interior de uma região, ainda rural, como o Vale do Jequitinhonha. A existência do grupo e o processo investigativo sobre o mesmo, nos leva a reafirmar o que diz Tomanik (2004):

Aprender (ou reaprender) a pensar a sociedade como fruto do trabalho humano; passar a ver a si próprio como, ao mesmo tempo, produtor e produto do seu meio social e assim descobrir-se como capaz de participar não só das tarefas de execução, mas também das tomadas de decisões que envolvem a ele mesmo e ao seu grupo, é um processo educacional, tanto quanto, (ou talvez até mais que) a aquisição de habilidades ou de outros conhecimentos. (p.109)

Realizado o levantamento bibliográfico, feita a coleta da entrevista com o membro, e presidente do grupo atualmente, Abel Sicupira, ou Izza Monttérroh, quando se monta. Selecionamos alguns focos para análise dos conteúdos suscitados, sendo eles, (1) o surgimento do grupo; (2) preconceitos vivenciados e (3) a atuação militante do grupos e em outro tópico abordaremos (4) a atuação militante de seus membros.

É necessário estabelecer um distanciamento aqui. Se por um lado temos a relação do grupo de drag queens com o festival, por outro temos a atuação e militância política de seus membros, out of drag. Ainda que o grupo não realize tal diferenciação, denominando-se sempre As Blayblayd's; neste trabalho tal dicotomia é relevante para que possamos mensurar suas inserções dentro e fora do festival. E permite também perceber nas dinâmicas de atuação o compromisso da arte, e principalmente dos artistas, na construção de novas realidades possíveis, como defende Bakhtin (2003), quando diz que,

O poeta deve compreender que a sua poesia tem culpa pela prosa trivial da vida, e é bom que o homem da vida saiba que a sua falta de exigência e a falta de seriedade das suas questões vitais respondem pela esterilidade da arte. O indivíduo deve tornar-se inteiramente responsável. (p.4)

Os primeiros membros do grupo foram Alessandro Silva, Marcus Oliveira (in memorian) e Rônio Gomes. Abel, membro e atual presidente do grupo, pontua o que a participação no evento representa para eles, “é dentro do FESTIVALE que a gente tem essa liberdade de expressar quem é de verdade, tanto o que a gente é no dia a dia, quanto nossos personagens, que a gente tira dos baús e colocamos em praça, né?” no relato é evidenciado que os dias marcados pelo festival representam um momento de subversão da norma vigente de binarismos, que não possibilita a expressão de quem “se é de verdade”, dando aval para exercício “livre” de ser como, ou quem, se é, e a possibilidade de vazão para a linguagem artística da qual utilizam e que ficam armazenados até serem postos em curso n'outro FESTIVALE.

É necessário situar o leitor que no processo de entrevista eram suscitadas as memórias que remetiam a participação do grupo no festival, e pela história os conflitos e tensões políticas foram se revelando, apontando para outras dimensões do coletivo, como a função social por eles ocupadas, e não tendo sido hipotetizadas antes, já que as

referências drag, como já dito em outro momento do texto, remetem à cultura gay urbana. Na entrevista emerge a memória conservadora, patriarcal que silencia as outras possibilidades de expressão, negando -as, marginalizando-as, ou criminalizando-as. O fenômeno Blayblayd's situa-se dentro de um período social no qual o próprio Vale, ainda que contraditoriamente as políticas desenvolvimentista, se abre a democratização dos espaços sociais. Ocupar o festival é ocupar um espaço de direito negado a esses sujeitos. É possível interpretar que a permanência do grupo dentro do FESTIVALE não se deu de maneira pacífica, e junto ao movimento de se fazerem aceitas agregaram ao seu redor seguidores e admiradores e obrigando o festival a integrá-los à sua dinâmica, como veremos.

Junto às narrativas compartilhadas pelos representantes do grupo no 34º FESTIVALE, e que levou o interesse desta investigação, estavam algumas realizações de âmbito social e político, destaca-se a realização dos Seminários LGBT. Que permitem analisar o papel importante das políticas públicas voltadas para a educação e que mantém contato com o Vale, como a inserção da Universidade Federal de Minas Gerais, e o papel de mediação que executam ao reconhecer as demandas do grupo, e sua relação com a FECAJE. É importante lembrar o distanciamento necessário aqui: se dentro do festival o grupo é caracterizado pela montagem drag, ações como a realização do seminário se dão no âmbito out of drag do conjunto.

Se a primeira inserção do grupo se deu em 2004, é em 2009 que a dimensão simbólica ocupada começa a emergir. O portal da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG, traz em seu arquivo uma notícia de 5 de novembro de 2009, com a manchete: “Seminário trata de cidadania LGBT no Vale do Jequitinhonha”, se referindo ao seminário Direitos e Cidadania LGBT, que aconteceu na Câmara de Vereadores da cidade de Jequitinhonha, Minas Gerais, e destaca que a promoção do evento era iniciativa do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha e pelo Nuh – Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT, visando “estimular a organização e a consolidação do movimento LGBT na região, com vistas a uma atuação politicamente relevante” (PORTAL UFMG). O evento contou com o apoio da Fecaje – Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha e da Prefeitura Municipal de Jequitinhonha. A memória da realização deste evento foi revisitada por Abel, de quando o grupo ainda consolidava suas configurações,

Foi então a partir do reconhecimento de sujeitos políticos externos, a UFMG, que pode ser entendida como um direito social que se estende ao Vale, a partir da expansão da Universidade e de sua interiorização, que o grupo pôde perceber sua inserção, ocupando um lugar inédito em uma região carente de representantes da pauta. E com isso garantindo uma maior aceitabilidade por parte do festival. É importante refletir criticamente sobre o papel do festival, e as tentativas de censura compartilhadas pelo grupo. Já que nas estruturas internas que tornam as ações possíveis operam pessoas, que possuem este ou aquele valor moral, concebem esta ou aquela manifestação artística “mais” ou “menos” arte em detrimento de outra, são inúmeras as possibilidades que ajudam na reflexão posta aqui.

Outro fato que aponta a relação das personagens com o público do festival remete ao nome Blayblayd’s, e o grito de guerra “Arrasou Blayblayd’s” que não foram escolhas do grupo, como narram em documento escrito, assinado por Abel. Na época era transmitido em rede nacional um desenho animado japonês, mangá, chamado Beyblades que teve sua transmissão na TV aberta brasileira na Rede Globo, em meados 2004, onde a narrativa tratava de batalhas de pião, um brinquedo infantil com a mesma lógica do pião de madeira, porém com design futurista, metalizado, colorido e brilhante, possuindo até sistemas de iluminação em alguns exemplares. A partir do ato de rodar e exibir suas cores, “um rapaz percebendo que as Drag Queens andavam a noite toda rodando a cidade em busca de algo desconhecido resolveu chamá-las de Blayblayd’s”.

Somente em uma notícia, referente ao II Seminário de Direitos e Cidadania LGBT do Vale do Jequitinhonha, de 2011, é que as Blayblayd’s ganham destaque. Veiculada pelo blog “Vale do Jequitinhonha / Blog do Banu” o texto “Jequitinhonha organiza II Seminário LGBT” traz menção ao grupo quanto à realização do seminário, entrevistas de um dos membros, Alessandro, e um breve histórico do surgimento delas.

Hoje, como sinaliza Abel, o grupo tem dimensão do papel ocupado por eles na realidade do Vale, considerando a multiplicidade de funções que seus membros exercem na comunidade local. Uma das conquistas mais importantes para o grupo, e para a região, é sem dúvidas a Lei 1587 de 2014, que vigora até então na cidade de Jequitinhonha, e institui o dia 17 de maio como dia municipal de combate a homofobia. A ação foi resultado da luta coletiva realizada no município e encabeçada pelo grupo, que reconhece a importância do

feito, “que foi fazer o poder público celebrar o dia 17 de maio no âmbito municipal” (Abel, em

documento escrito) a data já vinha sendo celebrada no âmbito nacional, desde 2010. Já em 2017, o presidente do grupo assinala que houve a criação do Conselho Municipal LGBT em Jequitinhonha, que “atua em diversas situações para amenizar o preconceito que ainda existe na nossa região” No avanço da representatividade e do reconhecimento das pautas do grupo, em 2018, no 35º FESTIVALE, ocorrido em Felisburgo, uma outra conquista foi possível, pois novamente mediada pela ação da universidade, mas nesse contexto da UFVJM13. Conforme Lima (2018):

O 35º FESTIVALE contou, pela primeira vez, com um espaço para discussão sobre temas relacionados às mulheres. A proposição e organização realizada pelo Observatório dos Direitos da Mulher e pelo Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro<sup>4</sup>, denominado “Encontro de Mulheres na Luta”. Contou com a participação de cerca de 60 pessoas, representantes de 20 municípios do Vale. A atividade pautou-se na relação dialógica, horizontal e equitativa, em círculo e com metodologias que incitavam os participantes à trazer suas contribuições reflexivas acerca de temas como o patriarcado, a violência de gênero, divisão sexual de trabalho, arte e cultura, etc. [...] Cabe registrar e destacar a significativa e importante participação de sujeitos do grupo LGBT, com suas intervenções artísticas, performance, fato que contribuiu na discussão sobre a violência de gênero e, os desafios para um evento tradicional, vinculado à arte e cultura popular, de incorporar esses sujeitos, em suas manifestações artísticas.

## Considerações finais

O grupo em sua composição é formado por profissionais diversos, entre professores, autônomos, estudantes, e outros, que assinala o lugar ocupado e possibilita as ações pelo grupo realizadas, seja pela formação e aquisição de conhecimentos para tal, seja na simbologia e respeito legados a esses profissionais nos contextos de onde surgem. Em uma sociedade desigual, onde o acesso a recursos mínimos para entendimento, compreensão e ação na realidade prática

não alcançam a todos, acessar esses lugares é acessar mecanismos de poder que possibilitaram as realizações do grupo e contrapõe o lugar hegemônico que pela lógica patriarcal, capitalista, esses sujeitos jamais deveriam ocupar.

Outro ponto que chama atenção e merece destaque é que não há na bibliografia sobre o Vale do Jequitinhonha menção a outro grupo, artístico ou não, que tenha empenhado campanhas ou similares pelos direitos da comunidade LGBT antes d'As Blayblayd's, e o entrevistado pontua que os fundadores do grupo também tornaram-se os "pioneiros no combate a homofobia no Vale". O movimento realizado pelo grupo permite ainda fazer uma análise da ampliação dos direitos da cidadania para a comunidade LGBTQIA+ da região. Situada na dimensão do simbólico a data de 17 de maio como dia municipal de combate a homofobia em Jequitinhonha inserem esses sujeitos na escrita da história desses lugares, e fornece reconhecimento legal. A Constituição Federal de 1988, que marca nosso período de redemocratização, é tida como uma constituição cidadã, já que traz em seu bojo conteúdos que, em tese, concernem lugar privilegiado para dispositivos que possibilitam, em tese, a solidificação da cidadania nos rincões do país. A lógica de desenvolver a nação no contexto do neoliberalismo se choca com as demandas que são levantadas na construção da social-democracia, sendo o Vale um retrato, por vezes contraditório, do avanço das políticas públicas, observação possível de ser realizada ao analisarmos os movimentos artístico e políticos da região.

O processo de retomada democrática do Brasil, mesmo que em retrocesso notável com a eleição de Jair Bolsonaro (sem partido), remete-nos ao entendimento que a construção da cidadania implica luta política. E é através de mobilizações coletivas, como as realizadas pelas Blayblayd's de Jequitinhonha, que possibilita ao Movimento LGBTQIA+ em geral a ampliação desses direitos. A partir da luta desses coletivos no interior do movimento há a garantia das conquistas, em torno da livre expressão da sexualidade, seja ela qual for, e no combate ao preconceito e discriminação por orientação sexual, garantindo assim que pessoas Lésbicas, Gays, Travestis, Transsexuais e outras possam acessar os aparatos legais visando uma vivência plena da cidadania.

Se tomarmos apenas o movimento drag queen executado no festival, no nível do simbólico, os corpos montados confrontam papéis sociais naturalizados no imaginário coletivo dos habitantes do Vale, e

do país todo de um modo geral, engendrados pela moral cristã, colonial, branca e heteronormativa. O movimento remete à diversidade sexual e de gênero que compõem as nuances da região, podendo se manifestar livremente, num contexto democrático. As trocas simbólicas que o FESTIVALE permite – entre instituições de ensino, movimentos sociais, pessoas de lugares distintos do estado ou do país – possibilita novas configurações de sentido para os envolvidos e isso reflete no discurso de Abel, e de outros relatos que versam sobre o evento e sua importância, fazendo seus sujeitos se perceberem, como pontuado por Tomanik, e reafirmado aqui, produto e produtores sociais.

Reitera-se que as considerações finais aqui colocadas não pretendem esgotar as questões que levaram a esta produção, pois o movimento dialético de conhecer implica a mobilização de novas perguntas. Por fim, o que podemos dizer é que este artigo tem o caráter de memória, através de narrativa científica e histórica, de um grupo e de um movimento social pioneiros, cujas implicações são inúmeras, sobretudo na vida e representatividade da comunidade LGBTQIA+ no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal, v. 5, 2003.

BANU, Blog do. Festivale: 34 anos de resistência e valorização da cultura popular do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <http://blog-dobanu.blogspot.com/2017/08/festivale-34-anos-de-resistencia-e.html> (Acesso em 15 de janeiro de 2019)

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo.(1977). Lisboa (Portugal): Edições, v. 70, 2010.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003

CARVALHO, José Murilo de. O pecado original da República. Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano, v. 1, p. 20-24, 2017.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. Estudos de psicologia, v. 9, n. 3, p. 471-478, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista portuguesa de educação, v. 16, n. 2, 2003.

DA BAHIA, GGB–Grupo Gay. Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais no Brasil (LGBT) relativo a 2017.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. 1998.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2009.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos movimentos sociais. São Paulo: Loyola, 1997.

HENRIQUES, Márcio Simeone e SÃO PEDRO, Emanuela de Avelar. Comunicação e Mobilização para a Cultura do Vale do Jequitinhonha. Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2004.

JESUS, Jaqueline Gomes. Guia Técnico sobre Pessoas Transexuais, Travestis e demais Transgêneros para Formadores de Opinião. 2014.

JUNIOR, Sinvaldo F. S.; A importância do FESTIVALE para construção de uma identidade regional e formação política no Vale do Jequitinhonha. São Paulo. 2012

LIMA, Joselia Barroso de Queiroz. Políticas e mulheres na construção de sujeitos de direito. X Congresso ALASRU. Montevideo. 2018

LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade. O corpo educado:” pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

SANTOS, Renata Cristina. ENTRE “TERRITÓRIOS”: uma análise cultural e política de uma comunidade atingida pela Hidrelétrica de Irapé no Alto Jequitinhonha-MG. Tese. Diamantina. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, 16(2), 5-22. 1990

SERVILHA, M. DE M. ; DOULA, S. M. . O Vale (En)Cantado: música, identidade e espaço no Jequitinhonha. In: Visões do Vale: origem e movimentos, 2009, Belo Horizonte. 2009.

SOARES, Geralda Chaves. Vale do Jequitinhonha: um vale de muitas culturas. Cadernos de História, vol.5, n.6. Belo Horizonte: PUC - Minas, 1997

TOMANIK, Eduardo Augusto. O olhar no espelho. “Conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais, 2004.

TREVISAN, João Silverio. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade (5a ed.). Rio de Janeiro: Record. 2000

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UFMG, Portal. Seminário trata de cidadania LGBT no Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/013673.shtml> Acesso em 15 de janeiro de 2019